



cmp 2.1.10.19

PESSOAS, COISAS E ANIMAIS

GILBERTO FREYRE

EDUARDO PRADO, ARIANO?

COMPREENENDO que um ensaio como *Ordem e Progresso*, antes inovador que convencional no seu modo de procurar ser estudo antropológico e interpretação sociológica de origens brasileiras — as origens imediatas do brasileiro atual — seja um ensaio que provoque não só espantos — o espanto, por exemplo, de numerosos leitores diante da revelação de ter tido a Monarquia, em 89, os seus mártires: uns tantos ex-escravos que bravamente deram a vida pela Princesa, sua Redentora — como protestos. Protestos como o do distinto mineiro, o acadêmico e positivista Ivan Lins, contra a inclusão do depoimento do monarquista Vargas Dantas a respeito do quase positivista Benjamin Constant. Como o do meu querido amigo José Augusto Alvim contra a apresentação da figura ilustre do seu avô — o na verdade admirável Cesário Alvim — sob a forma de um homem público que, sempre correto nas suas atitudes, teria sido, entretanto, leviano nas suas acusações a Cotegepe no caso das “popelines”. E como, agora, o do escritor paulista J. F. de Almeida Prado contra a informação, recolhida pelo autor de *Ordem e Progresso*, de brasileiro eminente, de ter ocorrido com Eduardo Prado um incidente de exclusão, por arianismo, de uma barbearia elegante dos Estados Unidos: incidente que teria concorrido para a ianquefobia do vigoroso autor de *A Ilusão Americana*.

O protesto do escritor J. F. de Almeida Prado se baseia em argumentos que me parecem inteiramente precários. Não afirmo ter o incidente ocorrido. Não o apresento naquele meu ensaio senão sob a forma de informação, recolhida por mim de eminente homem público; e que considerei de possível interesse psicológico para o esclarecimento de uma atitude extremada, contra os Estados Unidos, da parte de um brasileiro — Eduardo Prado — que foi, sem dúvida alguma, uma das mais altas inteligências da sua época e do nosso País.

O escritor J. F. de Almeida Prado afirma dos Prados, seus conhecidos, serem ou terem sido todos indivíduos “alvíssimos”. Eu, porém, tenho conhecido de perto Prados dos mais ilustres de São Paulo: e alguns deles eram — ou são — brasileiros morenos e até moreníssimos. O caso do meu saudoso amigo Paulo Prado, sobrinho de Eduardo: o sobrinho da sua predileção. O caso de Dona Nazareth Prado. E pelo exame antropológico de fotografias de Dona Veridiana Prado — mãe de Eduardo — teriam sido evidentes, nessa notável sinhá brasileira, os característicos não-europeus, isto é, não-caucásicos, de tipo físico.

Além do que lembre-se o ilustre escritor paulista, que é J. F. de Almeida Prado, não serem esses característicos não-caucásicos, inseparáveis, num indivíduo não de todo caucásico, da alvura da pele, dos olhos claros, do próprio cabelo aparentemente louro. Em países como a União Sul-Africana e os Estados Unidos, a discriminação racial se exerce não apenas contra indivíduos não-caucásicos de pele ostensivamente escura, olhos negros, cabelos negros e encarapinhados, porém também contra os próprios mestiços alvos e sardentos, louros e côr-de-rosa, com um ou outro característico não-caucásico entre os muitos que, em países como o Brasil ou a Venezuela, os fariam passar, aos olhos de muitos, por “inglês” ou “alemães”.

Segundo informação do jornalista Murilo Marroquim, não faz muito tempo que uma gentil paulistazinha — filha do ex-governador de São Paulo — teria sido objeto de discriminação racial na África do Sul. Não a conheço senão de fotografia; e pelas fotografias não é ela senão uma adolescente levemente morena; e com os olhos graciosamente tocados de alguma coisa de ame-ríndio que lhe dão a fisionomia o mais brasileiro dos encantos.

Há racistas, entre os anglo-saxões e os holandeses, tão hostis à sugestão, num indivíduo, de sangue ameríndio, indiano ou chinês, quanto do próprio sangue negro. É possível que Eduardo Prado tenha sido atingido, nos Estados Unidos, pela antipatia de um racista dessa espécie, dono de barbearia com pretensões a super-elegante. Para lhe ter sucedido tal aventura, não era preciso que fôsse sequer moreno-escuro; nem indivíduo de cabelo encarapinhado; nem tocado de sangue negro. Bastava que o arianista da barbearia, de onde Prado teria sido convidado a retirar-se, o tivesse considerado um mexicano, com pretensões a gentleman em terra de ianques.

Tais atos de ostensiva antipatia da parte de cidadãos da República dos Estados Unidos para com cidadãos da República do México tocados de sangue indígena ocorreram com alguma frequência no fim do século passado: antes do moderno Pan-Americanismo surgir como um doce corretivo aos excessos de arrogância ianque para com a América Latina.

Não direi ao escritor J. F. de Almeida Prado qual “o antigo Ministro de Estado” que me referiu o incidente que teria ocorrido a Eduardo Prado numa barbearia dos Estados Unidos. Posso, porém, lhe assegurar tratar-se de brasileiro branco e bem apessoado, a quem não poderia causar inveja de espécie alguma a “alvura invejável” atribuída pelo mesmo escritor aos Silva Prado, como insígnia quase sagrada de casta: casta ariana.

VINHO Q
O



QUALIDADE
DREHER
CLASSE
INTERNACIONAL